

## **Reconhecer-se: identificação, receptividade e intermediações**

*Marcelo Roberto Monteiro\**

**RESUMO:** O presente ensaio teve como objetivo dialogar com importantes pensadores das Ciências Sociais e Psicologia. Assim, fez-se inicialmente um breve apanhado da ideia de 'individualidade' X 'coletividade', abordando três autores clássicos (Le Bon, Freud e Mead). Em seguida, abordou-se a questão do reconhecimento, de Honneth, dialogando com conceitos da psicanálise *winnicottiana*, acerca da identificação individual/coletiva. Por fim, a partir da noção de identificação e reconhecimento, abordou-se as noções de receptividade e mediações, trazendo conceitos de autores variados como Foucault, Bourdieu, Hall, Martin Barbero dentre outros; interligando, assim, as duas frentes abordadas neste ensaio: o reconhecimento e receptividade/intermediações.

**Palavras-Chave:** PSICOLOGIA SOCIAL; SUBJETIVIDADE; CULTURALISMO; PSICANÁLISE; TEORIA SOCIOLÓGICA.

### **Recognizing yourself: identification, receptivity and intermediation**

**ABSTRACT:** The present essay aimed to dialogue with important thinkers in the Social Sciences and Psychology. Thus, a brief overview of the idea of 'individuality' X 'collectivity' was initially made, addressing three classic authors (Le Bon, Freud and Mead). Next, Honneth's issue of recognition was addressed, dialoguing with concepts of Winnicottian psychoanalysis, about individual/collective identification. Finally, from the notion of identification and recognition, the notions of receptivity and mediations were addressed, bringing concepts from various authors such as Foucault, Bourdieu, Hall, Martin Barbero, among others; thus interconnecting the two fronts addressed in this essay: recognition and receptivity/intermediations.

**KEYWORDS:** SOCIAL PSYCHOLOGY; SUBJETIVITY; CULTURALISM; PSYCHOANALYSIS; SOCIOLOGICAL THEORY.

### **Se reconnaître : identification, réceptivité et intermédiation**

**RÉSUMÉ:** Le présent essai vise à dialoguer avec d'importants penseurs des sciences sociales et de la psychologie. Ainsi, un bref aperçu de l'idée d'« individualité » X « collectivité » a d'abord été fait, en s'adressant à trois auteurs classiques (Le Bon, Freud et Mead). Ensuite, la question de la reconnaissance de Honneth a été abordée, en dialoguant avec les concepts de la psychanalyse winnicottienne, sur l'identification individuelle/collective. Enfin, à travers la notion d'identification et de reconnaissance, les notions de réceptivité et de médiations ont été abordées, en apportant des concepts d'auteurs variés tels que Foucault, Bourdieu, Hall, Martin Barbero, entre autres; interconnectant ainsi les deux fronts abordés dans cet essai: la reconnaissance et la réceptivité/intermédiation.

**MOTS-CLÉS:** PSYCHOLOGIE SOCIALE; SUBJECTIVITÉ; CULTURALISM; PSYCHANALYSE; THEORIE SOCIOLÓGIQUE.

---

\* Psicólogo, graduado pela UFTM. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (FCLAr/UNESP Araraquara). Membro da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia Contemporânea (GEPAC/UNESP).

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-1369-5051>

E-mail: [marcelo\\_rmonteiro@hotmail.com](mailto:marcelo_rmonteiro@hotmail.com)

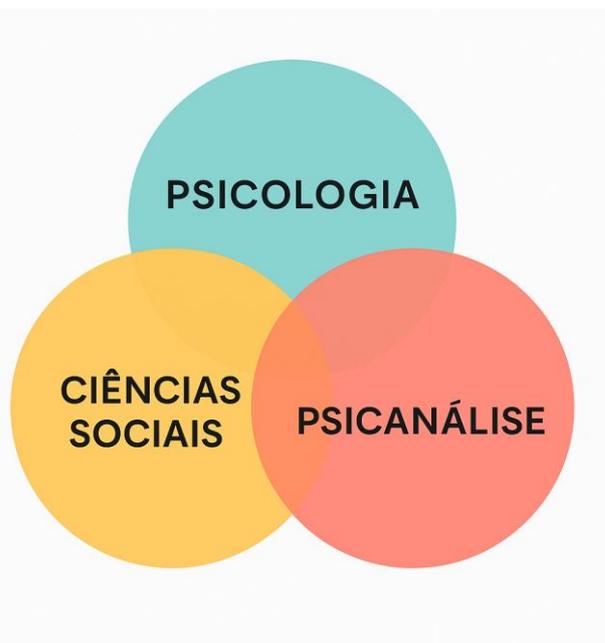
## Introdução

Diferentes pensadores das Ciências Sociais e Humanas, de diferentes épocas, debruçaram-se sobre a questão da identificação/reconhecimento e subjetividade, assim como sobre a suposta existência de uma ‘natureza humana’ ou o rechaço a tal hipótese teórico-filosófica. A partir do século XIX, com o advento das Ciências Sociais e Psicológicas, diferentes concepções acerca da subjetividade humana e sua formação foram desenvolvidas e agregadas ao rol de saberes científicos (Monteiro, 2023).

Destarte, entre fins do século retrasado e o início do passado, consagrados pensadores como o austríaco Sigmund Freud (1856-1939) com sua Psicanálise e ‘Psicologia das Massas’ (2020) - publicado originalmente em 1921; o francês Gustave Le Bon (1841-1931), com sua teoria acerca da ‘Psicologia das Multidões’ (2021) – este publicado inicialmente em 1895 - e o estadunidense George Mead (1863-1931), e seu ‘interacionismo simbólico’, foram basilares para o início dos estudos sobre a subjetividade humana e a influência do coletivo sobre ela. Os dois primeiros autores europeus – Freud e Le Bon – convergiam na percepção de que a coletividade transcendia a individualidade – mesmo tendo diferentes interpretações acerca desta ‘prevalência’, como se discorrerá abaixo - uma vez que as ‘massas/multidões’ prevaleciam à individualidade do sujeito, ou seja, quando em coletivo, as identidades pessoais eram suprimidas (ou ‘maleabilizadas’, por Freud) por identidades coletivas (Le-Bon, 2021; Freud, 2019; Freud, 2020; Monteiro, 2023). Conceituando as multidões, por exemplo, Le Bon, afirma:

O desaparecimento da personalidade consciente [individual] e a orientação dos sentimentos e dos pensamentos em um mesmo sentido, primeiros traços da multidão em via de organização, nem sempre implicam a presença simultânea de vários indivíduos em um único local. Milhares de indivíduos separados podem em um dado momento, sob a influência de certas emoções violentas, um grande acontecimento nacional, por exemplo, adquirir as características de uma multidão psicológica (Le-Bon, 2021, p.30).

G. Mead, por sua vez, já adotava uma postura interacionista, atentando para certa ‘homeostase’ entre o coletivo e o individual. Para ele, o sujeito deveria integrar-se ao coletivo sem, no entanto, ‘coletivizar-se’, sem perder sua individualidade. Para tanto, o psicólogo recorre a psicanálise e suas noções de *self* e *ego*, resignificando-as e expandindo tais ideias: o *self* seria o responsável pela socialização e integração do indivíduo na coletividade e seria constituído pelo ‘*me*’ (mim) e pelo ‘*eu*’ (ego). O primeiro componente (*me*) consistiria em na introdução dos valores e significados socialmente atribuídos e interindividual; já o ‘*eu*’ não representaria uma essência pessoal – como na visão clássica freudiana – mas sim a parcela da subjetividade individual que reage e cria perante a convivência social, seria a parcela ativa, a agência; tanto que, segundo Mead, conforme nos socializamos tendemos e atenuar a prepotência egóica perante a realidade interindividual, o ‘*mim*’ (Souza, 2011; Monteiro, 2023).



Enquanto os dois primeiros psicólogos clássicos convergiam fortemente, portanto, na sobreposição do macro ao micro, ou seja, em como a subjetividade individual era suplantada pela coletividade da ‘massa’; eram fortes as críticas freudianas à não consideração do inconsciente nas teses *lebonianas* e à não consideração da identificação individual perante os movimentos coletivos (Freud, 2020). O pensador norte-americano, por sua vez, já levava em consideração questões interativas e uma subjetividade individual/coletiva correlacionada, segundo as quais o sujeito possuía papel ativo e capacidade de ação reação ao social, através do *self* e seus dois pilares - eu/mim – como supracitado (Souza, 2011; Freud, 2019; Freud, 2020; Le-Bon, 2021; Monteiro, 2023).

Apesar das concepções variadas acerca da estruturação cultural e o processo de subjetivação – onde Freud entendia que a cultura era imposta aos sujeitos, como forma de garantir a autopreservação civilizatória diante dos perigos da própria natureza humana; e Mead compreendia que havia uma interação, não necessariamente opressora, que seria assimilada pelo *self* (Quinodoz, 2007; Souza, 2011) – ambos pensadores estavam de acordo quanto à existência de um processo de identificação entre a famigerada ‘massa’ e os seus componentes individuais. Desta forma, o sujeito tendia à receptividade do coletivo, no qual a coletividade não anulava o individual e vice-versa; nas palavras do próprio psicanalista (criticando algumas ideias de Le Bon):

Para julgar corretamente a moralidade das massas, temos de considerar que na reunião dos indivíduos da massa todas as inibições individuais são anuladas e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que dormitam no indivíduo como restos dos tempos primitivos, são despertados para a livre satisfação dos impulsos (Freud, 2020, p. 51-52).

Ainda neste ímpeto, o psicanalista aprofunda-se na tese de identificação dos indivíduos componentes da ‘massa’ para com a figura de liderança – ressaltando sua basilar e indispensável função dentro da coletividade – mas, diferentemente de Le Bon, as ideias freudianas apregoam também a necessidade do líder de ajustar-se às expectativas de seus ‘seguidores’ (Freud, 2020), assim, cautelosamente, pode-se fazer um paralelo com a noção de ‘receptividade’ defendida pelo filósofo e antropólogo hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero (1937-2021) em sua obra clássica “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia” (2021), publicada originalmente em 1987, na qual Barbero afirma a necessidade de se compreender as demandas e anseios – por parte da indústria do entretenimento – de público-alvo, para assim gerar identificação, projeção e imaginação neste (Martín-Barbero, 2021).

Nesta mesma linha, Mead faz questão também de ressaltar como a subjetividade humana se cria a partir das interações entre o indivíduo e o ambiente. Em seu interacionismo, os comportamentos humanos não são meramente estimulados pelo ambiente (como na clássica vertente comportamental *watsoniana*), mas há de fato uma troca e ação dos indivíduos com relação ao ambiente simbólico que vivem (Mead, 1973). Assim, Mead já preconizava a ação, a agência, dos sujeitos ao dar atenção à “experiência reflexiva e não reflexiva” (*Idem*, p. 31) dos indivíduos em suas interações simbólicas. Mead define a agência individual como:

A organização da pessoa é, simplesmente, a organização, pelo organismo individual através das ações do meio social em que está inserido – incluindo a si próprio, desde o ponto de vista autorreferenciado neste meio, ou como elemento ativo, funcional, em seu processo de experiência e convívio social (o qual consiste no meio) – e adotar posicionamentos a partir deste. É essencial que tal inteligência reflexiva seja tida como basilar para o comportamentalismo social (Mead, 1973, p. 128 [nossa tradução]).

Como é possível perceber, portanto, o indivíduo *meadiano* era um sujeito da ação, em constante interação-ativa com o meio, o modificando e alterando-se concomitantemente,

através da ação do *self* (Mead, 1973; Souza, 2011). Outrossim, Freud também se preocupava em entender a relação indivíduo – coletivo, concordando – em termos – com uma noção de agência, segundo a qual os indivíduos se identificariam com as lideranças e vice-versa; sendo os efeitos não necessariamente maléficos: “Enquanto a capacidade intelectual do indivíduo da massa sempre se encontra bem abaixo da do indivíduo, seu comportamento ético pode ficar tanto muito acima desse nível, quanto muito abaixo” (Freud, 2020, p. 52).

Em suma, Gustave Le Bon debruçava-se em entender a ‘consciência das massas’, nitidamente convergindo com os preceitos *durkheimianos* vigentes, que defendiam que a consciência coletiva se sobrepunha às individuais: “é assim que indivíduos perfeitamente inofensivos na sua maioria podem, reunidos em multidão, deixar-se arrastar a cometer atrocidades” (Durkheim, 2004, p. 41). Ambos os pensadores contrerâneos e contemporâneos interpretavam a sociedade como algo estruturado e investigavam, a partir da consciência, os mecanismos de estruturação (Durkheim, 2004; Le-Bon, 2021). Freud, por outro lado, também era um estruturalista – tanto da psique quanto do social (civilização, em seus termos) - mas este atentava para os simbolismos e os mecanismos em ação inconscientemente, objetivando entender emoções atrações e repulsas (coletivas e individuais) que agiam na civilização/coletividade (Quinodoz, 2007; Freud, 2020).

George Mead, por sua vez, adotava uma interpretação mais ‘mediada’, entendendo que os comportamentos e a personalidade humana se constroem em um processo contínuo de socialização, onde o ‘eu’ e o ‘mim’ contrabalanceiam-se e se ajustam. Deste modo, o psicólogo estadunidense focava na interação do indivíduo com sua realidade social, evidenciando como a subjetivação humana se trata de um fenômeno sociocultural e também ativo, onde o sujeito torna-se agente e não somente reagente (como outrora o comportamentalismo norte-americano preconizou com Watson, entendendo que humanos apenas reagem a estímulos ambientais) e revestindo o *self* como a mediação entre o mundo egóico – Eu - e o mundo interindividual - o mim (Mead, 1973; Souza, 2011; Monteiro, 2023).

Destarte, a partir do breve recorte histórico acima – enfocado em conceitos de três pensadores clássicos (Le Bon, Freud e Mead) –, o presente estudo almejou aprofundar-se nos processos de reconhecimento/identificação/recepção, subjetivação e intermediações nos ditos estudos culturais, explorando convergências e divergências de diferentes autores de tradições diversas. Assim, foram aqui abordadas noções como as de Adorno e Horkheimer (analisando e criticando a indústria cultural), que enfatizam a mercantilização e a ‘usurpação’ da arte, impondo ao público - passivo - seus gostos e ideologias; até ideias de agência e mediação, de Hall e Barbero, por exemplo, que entendem o fenômeno cultural como múltiplo e maleável, inconstante, no qual o sujeito seria ativo e participativo no ambiente social (Adorno; Horkheimer, 2009; Castro, 2013; Castro, 2020; Martin-Barbero, 2021).

### Uma questão de reconhecimento

Usar-se-á aqui o conceito de reconhecimento como sinônimo de identificação, conforto trazido por Borba [Org.] (2011), no ‘Dicionário UNESP do Português Contemporâneo’: “reconhecimento: 1. Identificação; verificação” (p. 1183). Esta escolha visa evitar distorções e dissonância de significações possíveis, existentes dentre autores da Psicologia e das Ciências Sociais que serão abordados.

A temática de reconhecimento é um ponto-chave para as Ciências Sociais quanto para a Psicologia. Para a psicanálise, por exemplo, a noção ‘eu’ X ‘não-eu’ (‘eu’ e ‘mim’, de Mead) é exatamente o alicerce de diferentes teses desenvolvimentistas. Freud, por exemplo, importava-se tanto com a questão do se reconhecer que preconizava que o não reconhecimento – de si e do ‘Outro’ (exterior ao indivíduo) poderia afetar negativamente a psique humana, dando início a quadros psicóticos, por exemplo (Quinodoz, 2007; Albornoz, 2011; Serralha, 2016). Desta forma, mesmo sem abordar especificamente conceitos como ‘ambiente’, o

psicanalista austríaco, tanto em suas teorias acerca do desenvolvimento infantil quanto naquelas sobre a civilização humana, entendia que reconhecer a si mesmo e ao ‘Outro’ como pessoas inteiras (ou seja, um sujeito com desejos, fonte e objeto de investimento libidinal) – bem como reconhecer-se pertencente a um grupo/ clã, e se ajustar a este - era seminal para o psiquismo humano, individual e coletivo (Serralha, 2016; Freud, 2017).

Donald W. Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês, foi o primeiro autor da psicanálise desenvolvimentista a dar maior atenção ao ambiente (a tudo o que é externo ao indivíduo, ao qual este está inserido). Com nítidas influências das teses de Mead, Winnicott desenvolveu novas interpretações acerca de conceitos clássicos da psicanálise freudiana, atribuindo ao ambiente externo ao sujeito grande valor – objetivo e subjetivo – no processo de subjetivação (Honneth, 2003; Serralha, 2016).

Em sua obra ‘Pensando sobre crianças’ (2008), publicada postumamente em 1986, o autor britânico ressalta o protagonismo da ‘realidade externa’, ou seja, percebe que há um interindividual, quebrando a prepotência narcísica infantil e integrando-se a esta realidade (Serralha, 2016). Nesta perspectiva, Winnicott defende a existência de um tripé, semelhante ao modelo *meadiano*; “vamos simplificar a questão do desenvolvimento primitivo e dizer que existem três coisas que podem ser destacadas. Uma delas é fazer contato com a realidade externa [interindividual]. Uma outra é sentir que você vive no seu corpo [intraíndivíduo], e a outra é a integração da personalidade” (Winnicott, 2008, p. 47).

O *self*, em sua leitura *winnicottiana*, também seria o responsável por integrar e ajustar o sujeito às realidades internas e externas, performando assim um mediador entre a pessoa e o mundo a sua volta (Winnicott, 2008; Serralha, 2016). Para tanto, primeiro o ser humano precisa sair da noção primária de plenitude, onde as realidades inter e intrassubjetivas estão fortemente fundidas. Somente quando o bebê ainda pequeno começa a perceber que não detém o controle absoluto – por meio de frustrações aos seus desejos e anseios (por exemplo, ao não ter sua fome sanada imediatamente, pois seu cuidador estava ocupado) –, começa o processo de desenvolvimento do ‘eu’ X ‘não-eu’ (Winnicott, 2008; Serralha, 2016).

O primeiro ‘não-eu’ que a criança conhece é seu/sua cuidador (a) principal, tradicionalmente a mãe (mas pode ser quem faz a função materna, a maternagem). Ele passa a compreender inconscientemente que essa pessoa é externa, iniciando a individuação. A partir daí, a dicotomia mãe-bebê (simbiose) sofre uma transmutação e se torna uma ‘tríade’ (tradicionalmente mãe-bebê-pai), na qual novas pessoas/objetos e realidades externas passam a serem integradas ao psiquismo infantil. É exatamente a partir do desenvolvimento da noção do ‘não-eu’, do conhecimento do ‘Outro’, exterior, que o sujeito em formação passa a se “reconhecer”, percebendo-se também um indivíduo (Winnicott, 2008; Serralha, 2016). Vale ressaltar que o pensador inglês afirmava que a mãe/cuidador principal também entrava em um estado simbiótico com o bebê, fundindo-se. Esta figura maternal, entretanto, também tinha de começar a entender o bebê como um sujeito separado de si (Mazeron-Machado & Neumann-Machado, 2011).

Assim como dito acima, quanto a Freud e Mead, as teses *winnicottianas* defendem que perturbações/interrupções/ traumas neste processo identificatório podem afetar irreversivelmente e negativamente o psiquismo do sujeito, sendo a gênese de transtornos e perturbações mentais perenes (como a esquizofrenia, em que o ‘eu’ se encontra estilhaçado e irremediavelmente fragmentado, não havendo a integração das realidades intra e intersubjetiva pelo *self* – Winnicott e Mead/ Ego – por Freud). O psicanalista britânico mantém-se ainda fiel ao sujeito centralizado clássico da psicanálise, mas já aborda a questão de uma ‘multiplicidade’, ao invocar a ideia de ‘núcleos de ego’, nos quais a criança reúne simbolicamente todas suas percepções acerca do seu ‘eu’. Winnicott defendia, entretanto, que esses núcleos deveriam integrar-se ao longo do processo de desenvolvimento biopsicossocial (Quinodoz, 2007; Winnicott, 2008; Serralha, 2016; Monteiro, 2023).

Influenciado pelas ideias de Mead e, especialmente, Winnicott, o cientista social alemão Axel Honneth (1949 -) transplantou e aprofundou-se no interacionismo simbólico do psicólogo estadunidense, bem como também o fez com as teses desenvolvimentistas winnicottianas; mesclando estes dois autores da Psicologia com a filosofia do também alemão Georg W. Hegel (1770-1831) e seu conceito de reconhecimento (Albornoz, 2011). Deste modo, a filosofia *honnethiana* aperfeiçoa a tese de ‘espaços intersubjetivos’ valendo-se de pressupostos como a ‘falta’, basilar e estruturante para o desenvolvimento psicológico humano, de acordo com a psicanálise; assim como o ‘conflito’, cuja destas confrontações entre desejo e realidade interindividual (princípio do prazer/vida X princípio da realidade/morte, freudianos) surgem fissuras e fricções, a partir das quais o sujeito passa a estruturar-se e reconhecer a si e ao ‘Outro’ como indivíduos (Quinodoz, 2007; Mazon-Machado & Neumann-Machado, 2011; Albornoz, 2011).

Honneth, em 2009, concedeu a entrevista “Da angústia da separação à luta por reconhecimento” (Honneth, 2017 [versão traduzida para o português]), na qual esclareceu ideias basilares de suas teorias. O pensador afirma que teve grande influência da psicanálise de Freud, no início de sua trajetória, mas que discordava de alguns pressupostos negativos do autor austríaco, o que o fez buscar por Winnicott que, segundo sua opinião, abordava mais satisfatoriamente as relações objetais, e o influenciou fortemente na escrita de “Luta por reconhecimento”, lançado em 1992. Em suas palavras, Honneth afirma em entrevista:

Mas, na época que escrevi *Luta por Reconhecimento* [grifos originais], deixei Freud de fora para me concentrar em Winnicott e pensar o papel dinâmico do reconhecimento mútuo no desenvolvimento inicial da criança (...). Não havia para mim qualquer dúvida de que, para explicar o amor como forma específica do reconhecimento mútuo, era necessário seguir a linha de Winnicott, que tenta mostrar a existência de uma luta permanente por conta de uma certa ambivalência entre fusão e demarcação que pode ser descrita em termos hegelianos (Honneth, 2017, p. 378).

Destarte, na supracitada obra *honnethiana*, o pensador crítico embasa-se nas supracitadas teses *hegelianas, meadianas e winnicottianas* para assim defender a importância do ‘reconhecimento’, do identificar-se na vida social. O interacionismo simbólico ajuda a delimitar as fronteiras do ‘eu’ e do ‘mim’ (‘eu’ X ‘não-eu’), formando assim o *self* individual, totalmente integrado ao ambiente/sociedade. Assim, Honneth aponta o valor das identidades e do reconhecimento – perante si mesmo e os demais, com os quais há identificação – no processo de lutas e mudanças sociais (Honneth, 2003; Honneth, 2017; Albornoz, 2011).

Assim como na teoria psicanalítica freudiana, a ‘falta’ (incompletude/frustração/angústia) tem papel estruturante e essencial no processo de formação da subjetividade do sujeito; Winnicott aprofunda-se e evidencia que essa ‘falta’ estruturante não precisa ser obrigatoriamente negativa (como preconizava a psicanálise clássica acerca da ‘castração’), mas poderia tornar-se suportável e positiva caso o sujeito tivesse o amparo de um ambiente suficientemente bom (Honneth, 2003; Mazon-Machado & Neumann-Machado, 2011; Serralha, 2016). Destarte, Honneth propõe que, na vida social, a questão de reconhecimento – em suas três frentes (afetiva; legal e valorativa) – possui importância basilar e que, a partir das demandas e faltas coletivas, é possível mobilizar-se e lutar pelo reconhecimento, mas agora de modo coletivo. A falta e a insatisfação também possuem, portanto, em sua perspectiva, caráter estruturante (Honneth, 2003; Honneth, 2017).

Enquanto a diferenciação dos padrões de reconhecimento remonta a lutas sociais que podem ter a ver com as exigências de reconhecimento apenas no sentido muito amplo de uma deslimitação dos potenciais de subjetividade, com seu resultado, é alcançado um nível sociocultural em que podem tornar-se efetivas as estruturas intrínsecas respectivas:

assim que o amor às pessoas é separado, ao menos em princípio, do reconhecimento jurídico e da estima social delas, surgem três formas de reconhecimento recíproco, no interior das quais estão inscritos, junto com os potenciais evolutivos específicos, os diversos gêneros de lutas (Honneth, 2003, p. 267).

Em suma, retomando a equivalência entre identificação e reconhecimento (supracitado no início deste tópico), percebe-se que o reconhecimento é peça primordial nos processos de subjetivação individual e coletiva. Reconhecer-se como sujeito e parte de um grupo, ter sentimento de estima social e valores morais/ideais, é seminal para que haja ou não receptividade a ideias e símbolos aos quais os sujeitos estejam culturalmente expostos e com os quais interajam, assim como para que eles reconheçam-se ou não, tanto como pessoas quanto como coletividade. Por isso, abordar as noções de receptividade e mediações – oriundas das Ciências Sociais – faz-se basilar (Honneth, 2003; Albornoz, 2011; Almeida, 2018; Martin-Barbero, 2021).

### **Reconhecendo-se: receptividade e mediações**

A questão do reconhecimento, acima debatida, converge com conceitos de ‘receptividade’ e ‘mediações’, comuns nos estudos culturais. Tradicionalmente, tais linhas interpretativas buscam a historicização e a contextualização dos fenômenos culturais, indo para além da análise dos meios e buscando atentar-se aos meandros, às intermediações. Assim, duas grandes bases teórico-epistemológicas se fazem presentes: a *bourdieusiana* e a *foucaultiana*, que entre consonâncias e dissonâncias, partilham da mesma origem *bachelardiana* (Anjos, 2004; Martin-Barbero, 2021).

O filósofo francês Michael Foucault (1926-1984) e seu compatriota e contemporâneo Pierre Bourdieu (1930-2002) – sociólogo – vivenciaram e produziram suas ideias em uma conturbada França dos anos 1960, onde estruturalistas e fenomenologistas se embatiam intelectualmente, pondo em xeque os saberes científicos humanos e sociais de então. Nesta turba, os mencionados pensadores puseram-se a repensar as Ciências Humanas e Sociais – Foucault de modo crítico, buscando ressaltar falhas e incongruências, como uma ‘autocrítica’ científica; e Bourdieu, de modo a reorganizar a metodologia sociológica, a fim de evitar essencialismos e enviesamentos escolásticos. Para tanto, ambos se fundamentaram nas noções filosóficas e epistemológicas do também francês Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo (Bourdieu, 1989; Foucault, 1999; Anjos, 2004).

Resumidamente, a tese *bachelardiana* defende a historização radical científica como metodologia de estudo, a fim de assim evitar o irracionalismo e dogmatismo. Deste modo, a ciência não é tida como progressista (como defendiam os positivistas); e sim, encontra-se em constante reconstrução em sua busca pela ‘verdade’, bem como por problematizá-la através da contextualização histórica. Bachelard defende, entretanto, de início, o rompimento com o senso comum – a primeira e indispensável rotura dos cientistas – sendo preciso debruçar-se sobre a relação dialética entre o ‘real’ e a ‘razão científica’ (Anjos, 2004).

Foucault e Bourdieu partem das ideias preconizadas por Bachelard e rumam por caminhos diferentes – um para a autocrítica científica radical, outro para a historização e reorganização da Sociologia (como acima dito) – e chegaram a concepções semelhantes, no que se refere à complexidade cultural. O primeiro, em “Microfísica do Poder” (2023), publicado originalmente em 1979, demonstra como o poder é exercido para além das instituições, não sendo algo meramente impositivo (conforme as teses sociológicas tradicionais sugeriam), mas sim algo exercido em rede, ou seja, o poder era exercício e multifocal, o que o tornava muito mais complexo, repleto de desdobramentos e vicissitudes, do que as interpretações tradicionais (Foucault, 2023; Monteiro & Guimarães, 2023).

Bourdieu (1989), por sua parte, conceitua o *habitus*, em sua obra “O poder simbólico”, definindo como um sistema de predisposições – perpassadas e assimiladas de modo consciente ou não – que simultaneamente tem a capacidade geradora, agindo como uma estrutura estruturante estruturada, ou seja, predisposta, passível de reestruturada e predisposta novamente, havendo certa maleabilidade em sua concepção estrutural (diferente da estrutura de Durkheim [2004], por exemplo, que entende a estrutura como impositiva e rígida). Essa capacidade do *habitus* em criar-se, portanto, também torna os estudos da cultura mais complexos, uma vez que se faz necessário atentar para as intermediações.

Partindo dos pressupostos *foucaultianos* e *bourdieusianos* - brevemente supracitados - os estudos das mediações ganham força e importância. Pensador de base *bourdieusiana* e estudioso da comunicação social e da indústria do entretenimento, Martín Barbero afirma que, nas mediações, a questão do reconhecimento é indispensável, uma vez que, para os produtos culturais chegarem ao público-alvo, é necessário que este sinta-se representado, identificando-se em suas realidades cotidianas (Monteiro & Guimarães, 2023). A realidade vivida necessita ser reconhecida (nos termos *honnethianos*) pela população. Acerca das mediações, o pensador explica:

Por isso, em vez de fazer a pesquisa a partir da análise das *lógicas*<sup>\*1</sup> de produção e recepção, para *depois*\* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*\*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão. À guisa de hipótese, recolhendo e dando forma a uma série de procuras convergentes, embora muitas delas não tenham como “objeto” a televisão, propõem-se três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural (Martín-Barbero, 2021, p. 294-295).

O antropólogo hispano-colombiano, conforme o excerto acima evidencia como a identificação é peça-chave para a recepção, ou não, de certos conteúdos (no caso, produtos culturais). Assim, recuperar a ‘teoria da recepção’, do sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1932-2014), mesmo que rapidamente, faz-se imprescindível. Hall, em sua tese sobre a receptividade, afirmava que a produção de uma mensagem não se tratava de uma tarefa simplória, uma vez que sua estruturação era algo complexo, pois há um hiato – não linear – dentre o comunicador (emissor) e o receptor (destinatário), e ressaltava que não é possível determinar-se previamente um significado fixo e uma ‘lógica global’, que garantam a transmissão uníssona e equivalente da mensagem à diferentes receptores (Hall, 2003).

Prosseguindo em sua argumentação, Hall afirma que há um fundo político, ideológico, que embasa as mensagens, gerando assim múltiplos sentidos e sendo multirreferencial (tal multiplicidade significante é fruto das mediações). Por isso, codificar e decodificar significados e significantes é trivial para a transmissão de uma mensagem (para além somente de língua falada/ escrita, trata-se de linguagem, no sentido mais amplo), para que possa haver receptividade do destinatário (Hall, 2003). Em seus próprios termos, explicando sobre a produção da indústria do entretenimento:

Cada fala é uma produção. E o que quero dizer é que cada fala não é uma produção no sentido dado por tais teorias [as teorias clássicas da linguagem], porque cada fala está situada sobre a base de um sentido já dado. Se você tem de dizer algo novo, é porque o processo está transformando os significados que já estão lá. Portanto, cada ato de significação transforma o estado efetivo de todas as significações que já existentes. Por

---

<sup>1</sup> \* Grifos do próprio autor.

exemplo, cada vez que falo em “inglesidade”, afeto a totalidade do mapa da inglesidade que existiu antes de mim (Hall, 2003, p. 363).

Destarte, Hall reforça a impossibilidade de um discurso plenamente objetivo e universal, evidenciando que, para que haja a codificação e a decodificação de uma mensagem – é preciso levar em consideração os múltiplos fatores que podem influenciar diferentes recepções. Deste modo, retorna-se às mediações, que consistem exatamente nestas ‘variáveis’ que interferem diretamente na percepção e compreensão dos sujeitos (Hall, 2003; Martín-Barbero, 2021). Nesta linha de codificação/ decodificação, Montero (2006) esclarece que o intercâmbio cultural não se resume a ‘bricolagem simbólica’, mas consiste na criação de novos significados, ou seja, não se trata de uma ‘mesclagem’ de ideias e simbolismos, mas da criação genuína de uma nova ‘gramática’ simbólica.

Em sua obra antropológica “Deus na aldeia: missionários, índios e mediações culturais” (2006), organizada pela antropóloga brasileira Paula Montero (1951 -), afirma que, durante as missões jesuítas no Brasil, na era colonial, criaram-se novas crenças e simbologias, a partir da cultura dos povos originários. Erroneamente se pensa que apenas os indígenas mudaram suas crenças e valores, mas a pensadora evidencia como se tratou de um processo mútuo, onde os não indígenas também modificaram suas ideias (Montero, 2006).

A criação de uma ‘gramática simbólica’ consistia em desenvolver conjuntamente codificações e decodificações (emprestando-se da terminologia de Hall) capazes de gerar uma comunicação eficaz entre nativos e não nativos. Assim, todas as partes envolvidas no encontro intercultural agiam e intermediavam a criação destes novos códigos (Montero, 2006). Neste ínterim, a antropóloga recupera novamente a ideia de ‘identidades diaspóricas’ – frisando o papel das mediações - que se enfoca em entender como fenômenos culturais se manifestavam localmente perante o dito universal, ou, em termos práticos, como ocorria o processo de recepção e significação de conceitos/símbolos culturais. Desta forma, os pós-coloniais (propositores deste recorte), descentralizavam o sujeito e o processo cultural, exaltando a multiplicidade (Hall, 2003; Montero, 2006).

A teoria das mediações, portanto, fundamenta-se na ideia de que há uma relação de ‘mão dupla’, de intercâmbio entre os dois polos (emissor/destinatário). Nesta, os receptores necessitam identificar-se com o conteúdo, reconhecendo-se neste, a partir de suas vivências e experiências cotidianas. Conforme já exposto, a recepção é ativa e os destinatários irão decifrar tais mensagens de acordo com seus arcabouços intelectuais e simbólicos particulares, ou seja, de suas realidades. Por isso, ignorar os processos intermediários de produção de sentido (comunidade local; escola; igreja; locais de socialização, no geral etc.) e atentar somente ao polo emissor – como fizeram os pensadores críticos clássicos, em seus estudos sobre a indústria cultural – e ao consumo *per se*, como se fosse um processo linear, é anular a agência dos receptores (Castro, 2020; Martín-Barbero, 2021; Monteiro & Guimarães, 2023).

Recuperando as teses *sahlinianas*, Castro e Paoliello (2013), afirmam que as ‘cosmologias do capitalismo’, do antropólogo estadunidense Marshall Sahlins (1930-2021), elucidam acerca do processo de criação de sentido e ressignificação ocorridos localmente (perante o ‘universal’ do capitalismo). Nesta linha, o pensador exemplifica a experiência nativa perante o ‘sistema mundial’, na qual estes tiveram que integrar as vivências do sistema que lhes fora apresentado a seu próprio universo simbólico, sua “gramática cultural” (Montero, 2006, p. 141). Assim, se evidencia o desnível e desigualdades presentes no sistema mundial (Castro & Paoliello, 2013). Deste modo, as ideias de Sahlins estão de acordo com as que Montero (2006) trouxe acerca, exatamente, das mediações nas missões coloniais, acima abordadas.

Em suma, culturalmente não se pode pensar em uma mensagem universal, com um coeficiente comum a todos, uma vez que a cultura possui meandros e multiplicidades, não havendo linearidade no processo emissão/recepção. Conforme os autores supracitados, é

indispensável pensar-se na intermediação existente entre os dois polos. Neste ínterim, interpretações e significações variadas surgem, gerando assim uma gama de possíveis compreensões (Hall, 2003; Martín-Barbero, 2021).

Pensar nas mediações é debruçar-se sobre os processos de atribuição de sentido, a codificação e a decodificação, a partir da realidade experienciada pelos receptores almejados e de seus ‘capitais simbólicos’. Culturalmente, pensar em intercâmbio cultural é pensar em uma comunicação ativa e mútua – entre as diferentes partes – na qual novos significados são concebidos por meio de um processo repleto de atritos, desníveis e instabilidades. Essa ‘plasticidade’ cultural de recriar-se não consiste em um ajuste ou mera integração, mas sim na produção de novos significados (Hall, 2003; Montero, 2006; Castro, 2013; Castro, 2020; Martín-Barbero, 2021).

### Considerações Finais

O presente ensaio almejou discutir brevemente alguns conceitos caros às Ciências Sociais e a Psicologia, como identificação/reconhecimento, receptividade e mediações. Partindo das teses tradicionais – como as de Freud e Le Bon – de uma sobreposição do cultural (coletivo) ao individual, que entendiam essa coletividade como uma estrutura unitária homogênea e impositiva; chegou-se a teóricos mais ‘brandos’, como Mead, que já considerava o interacionismo simbólico, entre indivíduos e coletivo (mas ainda dando maior ênfase em como o ambiente social modelava o sujeito), e a pensadores mais contemporâneos, como Bourdieu, Hall e M. Barbero, com leituras mais ativas e flexíveis de indivíduo e do cultural/social, nas quais há uma descentralização da unidade não somente do sujeito como também da noção da cultura homogênea e meramente impositiva.

Peças-chave para compreender essas teses mais contemporâneas, os conceitos de receptividade, mediações e identificação servem de arrimo para tal linha analítica. Assim, voltar-se às noções desenvolvimentistas da Psicologia, como o processo de individuação e reconhecimento (triviais no trabalho *winnicottiano*), bem como releituras e novas concepções destas ideias no âmbito sociocultural (e coletiva), como feito por Honneth, afirmam-se seminais. Apesar de aparentemente desconexas – à primeira vista – não é possível pensar em identificação cultural sem antes abordar a identificação e o reconhecimento individual e, conseqüentemente, sem o enfoque dessas noções, não se pode discutir identidades, simbolismos e mediações, uma vez que o reconhecimento está no âmago destes constructos.

Por fim, ressalta-se que este ensaio fez recortes específicos nas teorias dos pensadores aqui abordados e, por isso, reconhece a não contemplação de todos os pensadores e tradições acerca daquelas. Não se almejou esgotar a temática, pois este trabalho é apenas uma pequena contribuição ‘dialógica’ sobre o tema, havendo ainda muitos outros desdobramentos e aprofundamentos possíveis.

### Referências:

- Albornoz, S. G. (2011). As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 14(1), 127-143. Acesso em 12 de outubro de 2024, de <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v14n1/v14n1a10.pdf>.
- Almeida, M. A. (2018). Práticas infocomunicacionais e mediações na cultura da convergência. *Revista do centro de pesquisa e formação*, 7, 228-242.
- Anjos, J. C. (2004). Bourdieu e Foucault: derivas de um espaço epistêmico. *Anos 90*, 11(19/20), 139-165. Acesso em 14 de outubro de 2024, de <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6354/3805>.
- Borba, F. S. (2011). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Editora Piá LTDA.

- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7948490/mod\\_resource/content/4/BOURDIEU\\_Pierre\\_O\\_Poder\\_Simbolico.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7948490/mod_resource/content/4/BOURDIEU_Pierre_O_Poder_Simbolico.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2024.
- Castro, A. L. (2013). O legado de Stuart Hall (1932-2014). *Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, 7(1), 1-6. Acesso em 14 de outubro de 2024, de <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/7022/5020>.
- Castro, A. L., Paoliello, R. M. (2013). Cultura, Poder e Subjetivação. *Perspectivas*, 43, 7-15. Acesso em 14 de outubro de 2024, de <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/6610/4856>.
- Castro, A. L. (2020). Mídia e mercado: mediações na construção de sentidos do consumo das “roupas de marca”. *Política & Sociedade*, 18(43), 224-241. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2019v18n43p224/42772>. Acesso em 14 de outubro de 2024.
- Durkheim, E. (2004). *As regras do método sociológico*. Lisboa: Editorial Presença.
- Foucault, M. (1999). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3111617/mod\\_resource/content/1/Michel%20Foucault-A%20Ordem%20do%20Discurso%20%282004%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3111617/mod_resource/content/1/Michel%20Foucault-A%20Ordem%20do%20Discurso%20%282004%29.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2024.
- Foucault, M. (2023). *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Paz & Terra.
- Freud, S. (2017). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2019). *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- Freud, S. (2020). *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4535599/mod\\_resource/content/1/HALL%20%20Stuart.%20Da%20Diáspora%20-%20identidade%20e%20mediações%20culturais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4535599/mod_resource/content/1/HALL%20%20Stuart.%20Da%20Diáspora%20-%20identidade%20e%20mediações%20culturais.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2024.
- Honneth, A. (2003). *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.
- Honneth, A. (2017). Entrevista com Axel Honneth: da angústia de separação à luta por reconhecimento. [Entrevista concedida a] Inara Luisa Marin. *Dissonância: Teoria Crítica e Psicanálise*, 1(1), 374-405. Acesso em 09 de setembro de 2024, de <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/teoriacritica/article/view/2820/2530>.
- Horkheimer, M., Adorno, T. (2009). A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. p. 169-214. In: LIMA, L.C. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179826/mod\\_resource/content/1/INDÚSTRIA%20CULTURAL%20E%20SOCIEDADE.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179826/mod_resource/content/1/INDÚSTRIA%20CULTURAL%20E%20SOCIEDADE.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2024.
- Le-Bon, G. (2021). *Psicologia das multidões*. São Paulo: WMF Martins Fontes LTDA.
- Martín-Barbero, J. (2021). *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Mazon-Machado, E., Neumann-Machado, C. M. (2011). Axel Honneth e Donald Winnicott: uma aproximação possível. *Contemporânea – Psicanálise e transdisciplinaridade*, 11, 97-105.
- Mead, G. H. (1973). *Espírito, persona y sociedad*. Buenos Aires: Paidós.

- Montero, P. [org.]. (2006). *Deus na aldeia: Missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Editora Globo.
- Monteiro, M. R. (2023). Psicologia Social e a Ciência: um breve recorte histórico acerca do surgimento e a consolidação como área do saber científico. *Revista Aquila*, 14(28) 253-270. Acesso em 14 de outubro de 2024, de <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila/article/view/365/288>.
- Monteiro, M. R., Guimarães, C. A. (2023). ConversAÇÃO: dialogando diferentes pensadores acerca da sociedade, cultura, intermediações e subjetividade. In SILVA, João Roberto de Souza [Org.]. *Temas Contemporâneos de Psicologia: Ensino, Ciência e Profissão*. 3 ed. Curitiba: Bagai, 2023, p. 87-100. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1EivYEWOOo5y-0tRg8xRHBuahcDeKyUPP/view>. Acesso em 14 de outubro de 2024.
- Quinodoz, J. M. (2007). *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: Editora CRV.
- Souza, R. F. (2011). George Mead: contribuições para a história da Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 369-378. Acesso em 12 de outubro de 2024, de: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ONQ4cj9ktzLOT4dL8WcQYbp/?format=pdf&lang=pt>.
- Winnicott, D.W. (2008). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artmed.

**Citação/Citation:** Monteiro, R. M. (2025). *Reconhecer-se: identificação, receptividade e intermediações*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 1), pp. 102-113.

**Recebido em: 01/04/2025**

**Aprovado em: 20/06/2025**